

O TRABALHO COM A LITERATURA INFANTOJUVENIL EM CRIANÇAS JÁ ALFABETIZADAS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Camille Souza Dutra ¹
Izabella Souza Dutra ²
Thaís Fernandes de Amorim ³

RESUMO

A leitura é um processo complexo e faz parte da formação dos indivíduos. Contudo, muitas crianças, após a alfabetização, permanecem com dificuldades nessa habilidade devido à falta de estímulo escolar ou familiar. Sendo assim, o objetivo deste estudo é apresentar reflexões acerca do uso da literatura infantojuvenil em crianças ou jovens já alfabetizados. E como objetivos específicos, apontar a fundamentação teórica que permeia a compreensão da literatura infantojuvenil para o aperfeiçoamento da habilidade de leitura nas crianças e propor uma sequência didática baseada na sequência básica proposta por Cosson (2018) utilizando a obra “*História Meio ao Contrário*” de Ana Maria Machado. Nesse sentido, entende-se a relevância de estudos nessa área para que as crianças se tornem leitores proficientes e críticos, ademais, para que os professores pensem em práticas voltadas ao ensino da língua de modo a incluir os textos literários. A metodologia utilizada neste trabalho caracteriza-se como um estudo descritivo do tipo Estudo de caso sobre uma escola da rede pública de ensino na cidade de Belém, no estado do Pará, através da observação de duas turmas de ensino fundamental. Os dados foram analisados por meio de uma abordagem qualitativa utilizando-se o método dedutivo. Por fim, ao final do estudo entendeu-se que a literatura infantojuvenil pode ser um recurso pedagógico que possibilita à criança aprimorar a habilidade de leitura impulsionando o seu senso crítico.

Palavras-chave: Alfabetização, Criança, Leitura, Literatura Infantojuvenil.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o processo de aprendizagem da leitura não é algo simples. Sendo assim, muitas crianças em processo de alfabetização apresentam dificuldades, pois são apresentadas a uma nova modalidade da língua: a escrita. Com isso, a forma de ensino dessa modalidade, muitas vezes, autoritária, gera inseguranças e desestimula a leitura dessas crianças que passam a levar suas dificuldades na leitura para anos letivos posteriores e para sua vida.

Todavia, a leitura faz parte do processo formativo do próprio indivíduo e, também, daquele que escreve. Com isso, a literatura assume um papel imprescindível na formação do indivíduo, pois, nos termos de Cosson (2018), é a partir da leitura dos textos literários que cada ser entende a realidade do outro e, conseqüentemente, a sua própria.

Para Lima (2011), a literatura infantojuvenil, apesar de ainda estigmatizada, atualmente, possui um aspecto lúdico e pedagógico onde esse público tem o seu primeiro

¹ Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, camillesd55@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, izabelladutra.2002@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora, Letras Língua Portuguesa - UFRA, thais.amorim@ufra.edu.br.

contato com os textos literários. Essa literatura, considerada antes “menor”, surge na Idade Média com a ascensão da burguesia e servia para consolidar a ideologia burguesa e os anseios dessa classe social naquele período, buscando doutrinar as crianças para a obediência às normas vigentes da sociedade.

No entanto, apesar da literatura infantojuvenil ser pensada e feita, atualmente, de modo pedagógico, as escolas, muitas vezes, negligenciam o acesso à leitura dos textos literários e, conseqüentemente, não estimulam a leitura que, simultaneamente, é desprezada em casa, seja por fatores sociais e econômicos, quanto por desatenção dos responsáveis, ocasionando maiores dificuldades dessa habilidade durante a vida da criança e do jovem.

Contudo, compreende-se, nesse estudo, a importância da literatura infantojuvenil como um propulsor para a formação de um leitor proficiente, reflexivo, crítico e um cidadão ativo na comunidade em que vive, de modo a possuir a função vital de tornar, segundo Cosson (2018, p. 17), “o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras”. Nesse sentido, a criança ao possuir a habilidade da leitura, não apenas terá acesso às obras literárias, mas a possibilidade de ler o mundo.

Ademais, a concepção de literatura utilizada é, de acordo com Chiappini (1984, p. 20), “qualquer texto, mesmo o não consagrado, com intenção literária, visível num trabalho da linguagem e da imaginação, ou simplesmente esse trabalho enquanto tal”. Assim, neste trabalho, tem-se como objetivo geral, apresentar reflexões acerca do uso da literatura infantojuvenil em crianças ou jovens já alfabetizados.

Além disso, como objetivos específicos, apontar a fundamentação teórica que permeia a compreensão da Literatura Infantojuvenil para o aprimoramento da habilidade de leitura nas crianças e propor uma sequência didática baseada na sequência básica proposta por Cosson (2018) utilizando a obra “*História Meio ao Contrário*” de Ana Maria Machado.

Nessa perspectiva, a obra “*História Meio ao Contrário*” é ambientada na era medieval, em uma cidade que tem como centro um castelo, onde vivem o rei, a rainha e a princesa, e ao redor do castelo vivem aldeões e camponeses em um vilarejo simples trabalhando muito. Certo dia, o rei descobre um monstro enorme e terrível que, diariamente, faz desaparecer o dia. Contudo, por conta do rei permanecer apenas no castelo que sempre está fechado, ele desconhecia o fenômeno do anoitecer e, não percebe que o monstro, na verdade, é a noite. Por esse motivo, determina que o monstro seja aniquilado oferecendo a mão de sua filha em casamento ao príncipe que executasse o serviço. Os aldeões, sabendo da existência do fenômeno e de que, se o monstro não existisse, trabalhariam mais, se unem e convocam um gigante para que ele impedisse o príncipe.

Entende-se, nesse estudo, que o uso de obras literárias na sala de aula, inclusive o conto supracitado, é fundamental para estimular a leitura dos textos literários pelas crianças. Por isso, esse estudo contribui para o conhecimento teórico e empírico a respeito da utilização da literatura infantojuvenil para crianças que, apesar de alfabetizadas, permanecem com dificuldade de leitura.

Dessa forma, a metodologia tem por referência a observação de uma escola municipal localizada na região metropolitana de Belém, no estado do Pará. A pesquisa trata-se de um estudo descritivo, do tipo Estudo de Caso, o qual, segundo Freitas e Jabour (2011), consiste em reunir diversas informações sobre um assunto específico utilizando-se da riqueza de detalhes sobre os acontecimentos de contexto real para a compreensão do aspecto investigado.

Sobre as técnicas de pesquisas, para a coleta de dados foi utilizada a observação das autoras na escola, bem como o levantamento bibliográfico para propor uma sequência didática fazendo uso da obra *“História Meio ao Contrário”* de Ana Maria Machado.

O método de abordagem utilizado neste trabalho foi a qualitativa, a qual, de acordo com Denzin, Lincoln et.al. (2006), envolve uma análise interpretativa do mundo, isto é, como os fenômenos e elementos são manifestados na sociedade, interações sociais e procedimentos, preza pela descrição detalhada e tenta compreender sobre o significado que os indivíduos lhe conferem.

Como método de análise de dados foi utilizado o método dedutivo, onde, segundo Cervo, et. al. (2007), é o método que consiste em construir estruturas lógicas entre premissas e conclusões tornando explícitas verdades particulares em verdades universais.

Para a realização deste estudo, o nome da instituição, os funcionários, incluindo os professores, e os alunos não foram identificados, assim, garantindo o sigilo e o anonimato das informações prestadas.

Sobre o critério utilizado para a seleção da instituição foi determinado a partir da dificuldade de leitura dos alunos relatada pela coordenação, de forma a contribuir para a coleta de dados.

Por fim, esse estudo está dividido em cinco seções teóricas, sendo elas: literatura infantojuvenil: conceito e breve percurso histórico, letramento e alfabetização: conceitos interligados, a importância da Literatura Infantojuvenil para aprimorar a habilidade de leitura: o papel do professor, da escola e da família nesse processo e trabalhando a Literatura Infantojuvenil na aula de língua portuguesa: a proposta de sequência didática que possui quatro subseções: primeira aula, segunda aula, terceira aula e quarta aula, e, para finalizar, a metodologia e as considerações finais.

Literatura Infantojuvenil: conceito e breve percurso histórico

De acordo com Filho (2012), a Literatura Infantojuvenil, isto é, as obras literárias voltadas ao público infantil e juvenil, possui recursos visuais e verbais próprios que circulam no universo infantil e/ou juvenil para, dessa maneira, fazer com que o leitor seja capaz de relacionar-se, a partir da sua realidade, com aquilo que lê.

Quanto ao surgimento dessa literatura, tem-se o fato de que foi gradativo e perpassou pela Idade Média que, nesse período, tinha o objetivo de consolidar os ideais da nova classe vigente: os burgueses. Todavia, Lajolo e Zilberman (2007) traçam um percurso histórico dessa literatura no território brasileiro em seu livro *“Literatura Infantil Brasileira: história e histórias”* a qual baseou-se os apontamentos dispostos a seguir:

Primeiramente, vale dizer que, no Brasil, a literatura infantil teve o seu início no século XX, apesar de no século XIX ter sido registrada a notícia de algumas obras destinadas a crianças, que foi traçada, anteriormente, na Europa em meados do século XVIII.

Dessa maneira, a história dessa literatura infantil brasileira começou de modo tardio, em um período em que o país sofreu diversas transformações, como a queda da monarquia, a forte crise econômica devido ao aumento das despesas financeiras em decorrência da Guerra da Tríplice Aliança, as revoltas populares em diferentes regiões do país e as questões abolicionistas, o que ocasionou a Proclamação da República que estabeleceu um novo regime.

A urbanização, favorecida por esse novo regime, transformou a sociedade estritamente rural para urbana aproximando, então, os livros infantis e os escolares, haja vista que a escola teve um papel fundamental no processo de desenvolvimento urbano. Por isso, como posto pelas autoras no livro,

[...] é à instituição escolar que as sociedades modernas confiam a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais, é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 23).

Dessa forma, a exigência de um material escolar brasileiro era de extrema importância, pois os indivíduos à margem do desenvolvimento das cidades, como os escravos alforriados e os trabalhadores rurais, buscavam com muita resistência a educação, incluindo a alfabetização, para os seus filhos.

Nesse contexto, a exigência foi atendida de modo que o investimento na produção de materiais para o setor infantil e escolar fosse extremamente lucrativo para muitos escritores e, também, editores, propiciando o surgimento de muitas obras voltadas ao público infantojuvenil.

Reflexões a partir da observação realizada na escola

Durante algumas atividades de campo da disciplina Prática Pedagógica de Língua Portuguesa, componente da grade curricular obrigatória do curso de Licenciatura em Letras Português na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), pôde-se observar uma escola municipal de Ensino Fundamental I e II e realizar uma entrevista com a coordenação pedagógica que relatou, principalmente, as dificuldades de leitura enfrentadas pelos alunos da instituição.

Nesse sentido, com o objetivo de constatar o relato da coordenação, realizou-se a observação de duas turmas, sendo elas: 8º e 9º ano, durante a aula de Língua Portuguesa. O professor regente não fez uso de textos ou obras literárias em nenhuma das duas turmas, apesar de ministrar para as duas turmas, naquele dia, o conteúdo denominado elementos da narrativa.

Além disso, é válido ressaltar que, durante o período, a biblioteca da escola não estava em funcionamento devido a ausência de um professor (a), segundo a coordenação e, por esse motivo, de acordo com o professor regente, ele não utilizava esse local para dar aulas aos alunos fora da sala de aula.

Todavia, conforme afirma Nunes (2021), a biblioteca é um espaço muito importante, pois, apesar de ser vista, muitas vezes, como um “depósito de livros”, pode ser contemplada como um recurso de aprendizagem ao ser utilizada no processo pedagógico da escola, além disso, tem um papel fundamental a desempenhar na educação, de modo a contribuir com o estímulo, coordenação e organização da leitura.

Logo, esse espaço deve ser exigido nas instituições de ensino, visto que, segundo Pereira, Frazão e Santos (2014):

Uma biblioteca bem adaptada é capaz de promover total interesse dos alunos, onde a criança aprende a gostar de ler, a se interessar pela leitura e pelo livro, ou por qualquer coisa que represente uma interpretação, uma associação, uma história. A partir da biblioteca o indivíduo estimula o seu desejo de conhecer os livros [...] (PEREIRA, FRAZÃO e SANTOS, 2014, p. 9).

Por isso, a direção, a coordenação pedagógica, os professores e os alunos devem sempre reivindicar o adequado funcionamento das bibliotecas escolares, assim como zelar pelo espaço e solicitar um bibliotecário, haja vista que esse é o profissional capacitado e responsável por, em suma, administrar, organizar e, não só apresentar, juntamente com o professor, mas também guiar, o aluno ao mundo mágico dos livros.

Por fim, percebe-se, então, a partir da observação, os possíveis motivos das dificuldades enfrentadas pelos alunos: a realidade do ensino público nas escolas brasileiras

que negligência, por vezes, a leitura de textos literários nas aulas de língua portuguesa. Desse modo, por meio dessa hipótese, tem-se as reflexões expostas a seguir.

Letramento e alfabetização: conceitos interligados

Em conformidade com Grolla (2014), o indivíduo através da linguagem tem seu primeiro contato com o mundo. É por meio dela que se faz possível a expressão de ideias, pensamentos e sentimentos, isto é, viabiliza a comunicação, bem como a modificação da realidade social.

Na escola, a criança, no processo de alfabetização, aprende uma nova categoria da linguagem: a língua escrita e, concomitantemente, a ler. Com isso, a leitura e a escrita são imprescindíveis, pois é por meio dessas habilidades que cada indivíduo participa das atividades sociais. Assim, vale dizer, neste estudo, a definição de letramento e alfabetização conforme Magda Soares:

[...] a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento (SOARES, 2004, p. 14).

Desse modo, entende-se, que o processo de alfabetização e letramento são indissociáveis, pois dependem um do outro. É a partir da alfabetização e do letramento simultaneamente, que a criança participa efetivamente das práticas sociais da sua realidade.

Contudo, apesar disso, Soares (2004) afirma que as práticas pedagógicas tradicionais da escola, em sua maioria, costumam trabalhar o processo de alfabetização das crianças com um único objetivo: codificação e decodificação da língua, desprezando, muitas vezes, o trabalho com os textos literários, fundamentais para o desenvolvimento das habilidades de leitura desses alunos.

Dessa forma, em conformidade com Cosson (2018), nos primeiros anos de vida e durante a educação básica, é importante garantir que a criança tenha acesso a leitura direta das obras literárias, pois é através desse contato com o mundo mágico, aberto pela literatura infantojuvenil, que a criança terá um aprimoramento no processo de aquisição da linguagem, incluindo a leitura e a escrita.

A Importância da Literatura Infantojuvenil para Aprimorar a Habilidade de Leitura: o papel do professor, da escola e da família nesse processo

Segundo Geraldi (1984), “a leitura é um processo de interlocução entre aquele que escreve e aquele que lê”. Além disso, o autor aponta que o papel do professor nesse processo

de leitura é de mediador, pois o diálogo do leitor é com o texto e com os significados atribuídos por ele próprio para esse texto durante o processo de leitura.

Com isso, entende-se o papel primordial do professor no processo de incentivo à leitura durante as fases de ensino. Por esse motivo, o professor deve proporcionar a experiência do aluno com o texto literário que, para ser explorada de forma mais adequada, deve ensinar ao aluno a fazer a exploração e dar sentido ao texto de maneira individual, ou seja, ser o mediador do processo de leitura proporcionando, conforme Cosson,

[...] a troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos, de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. Ao ler estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentido entre um e outro (COSSON, 2018, p. 27).

Com isso, entende-se que a instituição de ensino e as práticas docentes são imprescindíveis para estimular o processo de leitura em alunos que, muitas vezes, só têm contato com textos ou obras literárias na escola.

À vista disso, o papel da escola é formar leitores críticos, reflexivos e autônomos. Contudo, sabe-se que, na maioria das escolas brasileiras, essa não é a realidade. No âmbito escolar, a leitura de textos é tida como algo secundário, sendo atribuída aos alunos a leitura rápida de fragmentos, muitas vezes sem contexto.

Portanto, é necessário que a criança, desde os primeiros meses de vida, de acordo com os autores Pereira, Frazão e Santos (2014), seja estimulada no âmbito familiar, visto que a infância é o momento crucial para que a criança tenha novas descobertas e interaja com novos mundos, incluindo aqueles abertos pela literatura infantojuvenil.

Além disso, ainda segundo os autores, é de grande utilidade colocar, desde bem novos, as crianças em contato com os clássicos da literatura Infantil, como os contos de fadas, para desenvolver a criatividade e a imaginação desses indivíduos e torná-los leitores sem dificuldades de compreensão e interpretação textual, bem como em discursos orais e escritos.

Então, para que o indivíduo desenvolva a habilidade e prática da leitura de textos literários e, conseqüentemente, se torne um cidadão ativo na sociedade, é necessário que essa criança tenha o apoio, durante toda sua vida, da família e da escola. Uma vez que, segundo Cassiano (2009):

Essa união entre escola e família, pode ser um meio pelo qual os professores podem se unir aos pais no processo de valorização de estímulo às leituras, iniciadas em casa. Deste modo, cabe aos professores dar continuidade a leitura na escola, pois esta ação pode vir a ser um recurso utilizado para alcançar a autonomia e a cidadania da criança (CASSIANO, 2009, p. 16).

Posto isso, reconhece-se a importância da união do papel da instituição escolar e da família no processo de aquisição e aprimoramento da habilidade de leitura nas crianças e, também, dos jovens, porque, por meio dessa união será possível fazer com que o educando consiga atingir, através do estímulo da família e dos recursos pedagógicos disponibilizados pela escola, a autonomia e, ainda, tornar-se um cidadão competente e ativo.

Todavia, no âmbito familiar, conforme Pereira, Frazão e Santos (2014), na maioria das vezes, o hábito da leitura é quase inexistente, devido à rotina agitada dos responsáveis ocasionada pela sociedade atual cada vez mais ativa e interligada às tecnologias, como os aparelhos celulares que tomam o lugar dos livros para a distração e brincadeiras das crianças. Além disso, há a ideia errônea de que o responsável pelo estímulo e aprimoramento da leitura está interligada somente à instituição de ensino.

Logo, se durante a fase inicial da vida e de ensino da criança ela não é incentivada e estimulada pela família e pela escola e, concomitantemente, é alfabetizada, porém sem a prática das habilidades de leitura e escrita nas atividades sociais, provavelmente, essa criança, agora na fase da adolescência, carregará as dificuldades de leitura, especialmente, em compreensão e interpretação textual, durante o restante das fases de ensino e para sua vida.

À vista disso, a literatura infantojuvenil se faz de extrema valia para a formação de um leitor crítico, competente e ativo na sociedade em que este está inserido. Por isso, o aluno, mesmo aquele já alfabetizado, deve entrar em contato com os textos e obras da literatura infantojuvenil, pois esta irá contribuir para o aprimoramento, não apenas da leitura, como da oralidade e da escrita.

Trabalhando a Literatura Infantojuvenil na aula de Língua Portuguesa: a proposta de Sequência Didática

Entende-se que a leitura é uma habilidade extremamente importante para a formação dos indivíduos, além do papel fundamental exercido pelo professor, principalmente o de Língua Portuguesa, em proporcionar ao aluno, no âmbito escolar, o contato com os textos literários, especialmente, os da literatura infantojuvenil, propiciando uma interação do aluno leitor com o texto.

À vista disso, nesta seção será proposta uma sequência didática baseada na sequência básica de Cosson (2018), estruturada, respectivamente, como: motivação, introdução, leitura e interpretação, destinada a turmas de 8º e/ou 9º ano do Ensino Fundamental.

Assim, a sequência didática abaixo tem o objetivo geral de apresentar o tipo textual narrativo, os elementos da narrativa e o gênero conto a partir da leitura do livro “*História*

Meio ao Contrário” de Ana Maria Machado aprimorando as habilidades de leitura e interpretação textual dos alunos. E como objetivos específicos, elucidar o tipo textual narrativo, explicar os elementos da narrativa, conceituar o gênero conto e, por fim, realizar a leitura da obra.

Nesse contexto, serão necessárias cerca de quatro aulas de 45 minutos para realizar a sequência didática proposta com êxito e, ao final, espera-se que os alunos compreendam os elementos da narrativa e o gênero conto, além de estimular a leitura de textos da literatura infantojuvenil. Salienta-se, também, a necessidade de um trabalho contínuo de leitura dentro da sala de aula a partir de leituras como a proposta nesta sequência didática.

As habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trabalhadas nesta sequência são as EF69LP44, EF69LP46 e EF89LP33 destinadas ao Ensino Fundamental, os anos finais (BRASIL, 2018).

Vale ressaltar que a escolha do trabalho com um gênero é pautada na concepção teórica de que a língua é uma atividade social, histórica e cognitiva, não devendo ser analisada somente por um aspecto formal e estrutural, e sim por uma perspectiva funcional e interativa de forma que a comunicação só é possível através de algum gênero textual. Dessa forma, o conceito de gênero é tido, conforme Marcuschi (2002):

[...] como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica [...] (MARCUSCHI, 2002, p. 4)

Desse modo, escolheu-se a obra de Ana Maria Machado chamada “*História Meio Ao Contrário*” por conta de sua linguagem simples que possibilita o envolvimento do leitor na narrativa. Além disso, busca, já em seu título, uma proposta de contrapor as histórias estabelecidas *a priori* nos contos de fadas de forma que o príncipe não é o herói e nem o personagem essencial da história, possibilitando ao leitor várias reflexões acerca da composição tradicional dos contos e indagações sobre os costumes, práticas e valores a serem seguidos.

Primeira aula (45 minutos)

Inicialmente, o professor deverá organizar os alunos em semicírculo na biblioteca escolar. Após a organização da turma, o professor deverá dispor na lousa o conceito do tipo textual narrativo, além de exemplificar alguns gêneros narrativos, especialmente o conto, para que, assim, os alunos tomem nota. Ao iniciar a aula, é recomendado que o professor inicie

levantando questionamentos entre os estudantes e utilizar os conhecimentos prévios dos alunos como uma forma de diagnosticar a aprendizagem, por meio da oralidade.

Para finalizar a aula expositiva dialogada, será feita a atividade de motivação para a leitura da obra "*História Meio ao Contrário*". O professor deverá apresentar imagens de personagens de contos de fadas com fins tradicionais e que sejam bastante conhecidos, tais como *Branca de Neve e Os Sete Anões*, *Cinderela*, *Bela Adormecida*, etc. Após a distribuição das imagens, será solicitado aos alunos um resumo oral sobre o enredo desses contos.

Ao final da atividade, o professor deve perguntar aos alunos o que todos esses contos têm em comum. Essa atividade tem a finalidade de que os alunos possam refletir sobre composição tradicional dos contos antigos e, também, já introduzir indiretamente uma reflexão sobre alguns elementos da narrativa que serão apresentados na segunda aula.

Segunda aula (45 minutos)

Nesta aula, ainda na biblioteca, o professor irá escrever na lousa os conceitos dos elementos da narrativa: narrador, personagem, tempo, espaço e modo e dar início a aula relembando o conceito de narrativa. Após toda a explicação do conteúdo, o docente deve dar ênfase no gênero conto e conceituá-lo. Vale lembrar que é recomendável que o professor sempre estimule a participação dos alunos.

Após falar sobre o gênero, como introdução da obra "*História Meio ao Contrário*", o professor deverá expor informações relevantes sobre a obra de maneira breve, como, por exemplo, a vida da autora de maneira bem sucinta, a data de publicação do livro e o contexto histórico da produção (sugere-se também um interdisciplinar com a disciplina de História). Por fim, o docente deve explicar que o livro é um conto e deve levantar o questionamento entre os alunos sobre o título do livro: "Por que o livro se chama '*História Meio ao Contrário*'?", "O que vocês acham que acontece na narrativa?", "Na opinião de vocês, quais são os personagens desse conto?".

Vale ressaltar que o docente não deve contar, de fato, o enredo da história nesse momento, apenas deve surtir nos alunos a curiosidade de realizar a leitura da narrativa.

Terceira aula (45 minutos)

Nesta terceira aula, ainda na biblioteca, objetiva-se a leitura individual silenciosa do conto por cada aluno. O professor deve solicitar que os alunos façam a leitura de, no mínimo, vinte páginas e, posteriormente, através dos intervalos de leitura, deverá convidar os alunos a apresentarem suas observações acerca das páginas lidas (resultados da leitura).

Ademais, é recomendável que o professor consiga unir os elementos da narrativa aos panoramas iniciais da leitura, isto é, que os alunos apresentem como resultado alguns elementos da narrativa presentes no início da história, tais como espaço, personagens e tempo.

Por se tratar de uma obra com quarenta e oito páginas, é necessário que o docente solicite aos alunos que o restante da leitura seja feito em casa, fora do ambiente escolar, estabelecendo uma relação entre a família e a instituição de ensino.

Quarta aula (45 minutos)

Na última aula, em sala de aula, após a leitura da obra feita em casa, o professor deve solicitar que os alunos façam um desenho e depois expliquem, oralmente, do que se trata a sua produção, dessa forma, os alunos serão capazes de externalizar a sua própria interpretação da obra. Outrossim, é importante que essas produções possam ser expostas em conjunto em mural dentro da sala de aula, no corredor da escola ou na biblioteca.

Ademais, o professor pode solicitar aos alunos uma atividade em folha impressa com respostas a questões, principalmente, de interpretação de forma interativa e também sobre os elementos da narrativa. Desse modo, portanto, o professor poderá avaliar a produção final e constatar o rendimento da turma, assim como, estimular a leitura de textos pelos alunos de modo a contribuir com o aprimoramento da habilidade de leitura da turma e daqueles alunos que ainda possuem dificuldades, apesar de já serem alfabetizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo abordou-se o considerável uso da Literatura Infantojuvenil para o aprimoramento da habilidade de leitura em crianças já alfabetizadas. Dessa maneira, entende-se que a literatura infantojuvenil, isto é, de acordo com Filho (2012), aquela voltada ao público infantil e juvenil, possui recursos verbais e visuais que colaboram para que haja o envolvimento entre aquele que lê e o texto.

Sendo assim, essa literatura, que teve seu início no Brasil, conforme Lajolo e Zilberman (2007), de forma gradativa, podem ser utilizadas como recurso pedagógico e podem desenvolver habilidades de leitura, escrita e oralidade. A vista disso, é notório que a literatura é essencial para a formação dos indivíduos, pois, como afirma Soares (2004), é através da aquisição dessa habilidade em conjunto com o letramento que as crianças poderão se tornar, além de leitores proficientes, cidadãos ativos na sociedade em que estão inseridos.

Desse modo, para colaborar de maneira mais efetiva nessa fase de aquisição da leitura, bem como no desenvolvimento dessa habilidade, é necessário que a família incentive os infantes para que, desde bem novos, tenham o contato com os livros e, também, que

coloquem em prática, dentro de casa, estratégias voltadas à exposição da interpretação realizada pelas próprias crianças como exposto por Pereira, Frazão e Santos (2014).

Quanto à escola e ao professor, cabe o trabalho frequente ao estímulo da leitura, oferecendo bibliotecas, como exposto por Nunes (2021), já que esse espaço é de extrema importância no âmbito escolar, visto que proporciona aos alunos o contato direto com as obras de literatura. Portanto, os professores devem oferecer atividades voltadas à prática da leitura e escrita que propiciem o protagonismo dos discentes, elaborar feiras ou saraus, nos quais eles possam, principalmente, expressar suas interpretações sobre determinado texto. Logo, essas atividades possibilitam que o leitor consiga atingir, de fato, a interlocução com o texto literário, descrita por Geraldi (1984), a reflexão acerca da sua própria leitura e do seu papel na sociedade.

Através das reflexões supracitadas, buscou-se também produzir uma sequência didática com o objetivo de propor uma nova metodologia de apresentação do mesmo conteúdo da aula observada na escola municipal de Belém, no estado do Pará, de forma, não apenas a agregar a literatura com o ensino da língua, mas também transparecer ao educando a importância e o prazer de ler, conseqüentemente, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento da habilidade de leitura.

No entanto, entende-se que, para obter resultados cada vez mais consideráveis, é necessário um trabalho contínuo e permanente, especialmente, através da união entre família e escola, como evidenciado por Cassiano (2006), de modo que o infante tenha o contato com os textos literários primeiramente no âmbito familiar e continuado, posteriormente, nas fases do ensino básico.

Conclui-se que a utilização da literatura infantojuvenil como um recurso pedagógico poderá ocasionar aos alunos, não apenas o desenvolvimento da habilidade e do hábito da leitura, mas também o aumento da criatividade, o progresso do senso crítico e, principalmente, o dar sentido, não apenas aos textos lidos, mas ao mundo, conforme aponta Cosson (2018).

Esta pesquisa contribui para a reflexão do papel das obras literárias no desenvolvimento de metodologias voltadas ao ensino da língua em conjunto com o estímulo à leitura. Recomenda-se, por fim, a continuidade de trabalhos voltados a essa área de estudo a fim de tornar os alunos, em especial as crianças, em leitores aptos e capazes de visualizar sua realidade a partir de um prisma amplo e aberto, inicialmente, pela Literatura Infantojuvenil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF. 2018;

CASSIANO, Adriana Aparecida. **O prazer de ler: o incentivo da leitura na Educação Infantil**. 2009. 48fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009;

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007;

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. 2º ed. 8ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018. ISBN 9788572443098;

DE QUEIROZ, Raimunda Augusta. **A biblioteca escolar e o seu papel no sistema educacional**. Repositório - FEBAB, João Pessoa, PB. 1982;

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006;

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura Infantil: Múltiplas Linguagens na Formação de Leitores**. Brasil, Editora Melhoramentos, 2012;

FREITAS, Wesley R. S. JABBOUR, Charbel J. C. **Utilizando Estudo de Caso(s) como Estratégia de Pesquisa Qualitativa: Boas Práticas e Sugestões**. ESTUDO & DEBATE, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.;

GERALDI, João Wanderley, et. al. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.
GROLLA, Elaine. SILVA, F. C. Maria. **Para Conhecer Aquisição da Linguagem**. 1ª ed. São Paulo. Editora Contexto, 2014. ISBN 978 85 7244 873-4;

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: histórias e histórias**. 6ª ed. São Paulo. Editora Ática, 2007. ISBN 978 85 0802 841-2;

LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Fundamentos para o ensino da leitura e da escrita**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011;

MACHADO, Ana Maria. **História Meio Ao Contrário**. Ilustrações Renato Alarcão, 26 ed. São Paulo, SP. Editora Ática, 2010. ISBN 978 85 08 13114- 3;

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002;

NUNES, F. F. N. A importância da biblioteca na aprendizagem: estudo de usuário em uma instituição de ensino. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v.2, n.21, p.1–11e11355, jul. 2021. ISSN 2447-1801;

PEREIRA, E. de J. FRAZÃO, G. C. SANTOS, L. C. dos. Leitura infantil: o valor da leitura para a formação de futuros leitores. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2014;



SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. **Anais do evento PG letras**, v. 30, p. 514-527, 2005;

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. 2004. Jan; (Rev. Bras. Educ., 2004 (25)): 5–17.